



SCREVER assim!

— era uma vez, no outono. Meu irmão doente alongava o olhar colorido pela cinza fria da paisagem. O mundo oltra a iliaz parecia um carro de triunfo para a morte de todas as rosas. O mundo parecia o olhar enfermo de Pierró. Meu irmão doente procurava na memória palavras que sugerissem estados de alma toda a melancolia dos destinos irremediáveis, a infinita tristeza daquele outono doirado.

Paulo Musa!
O irmão doente que escreve como queria Bourget: libertar-se dos próprios sonhos cristallizando-os na arte. A profunda anemia de um decór onde anjos de prata cruzaram a frêcha silenciosa das asas, o recolhimento monástico de uma renúncia, a perpetua comunicação com as expressões profundas da vida — e Paulo Corrêa Lopes escreveu o segundo livro de exercitios: "Caminhos".

O homem é um animal que fuma. Não ha expressão mais intelectual que singularise essa tendência mística para o sono. E não ha, nas espécies primárias da vida espiritual que nos distingue na tristeza da terra. O azul azoso do fumo que mascara todas as coisas criando uma nova realidade na vaporosa aparência, sugere o outro lado da vida, vivo o avesso dos espelhos e elabora no misterio do subconsciente as figuras agêlas de um mundo diferente, isolando-as na magia da nossa crença, como vida.

Paulo Corrêa Lopes tem o merito — que é uma rara elegancia mental — de apenas sugerir:

O sol canta no alto um canto estranho e ao canto do sol a terra sonha.

O sol é uma asa que parou e ha mais distancias para além do sol.

Distancias para além do sol? E' inevitavel o deslumbramento da imaginação levada até o limite visível do fogo eterno, e jogada depois, nas asas de uma reticencia cheia de intenções, pelo caminho do infinito, rumo ás luzes que não se apagam nunca.

Quero citar todos os caminhos do poeta que me acenaram para destinos ignorados como um fragmento de marmore sugere a maravilhosas ondas de vitórias mutiladas. Porque isto que estou escrevendo é apenas um pretexto, para mostrar esqueles que não frequentam o perpetuo certame da Globo Editora, o poeta que se perdeu na alma da gente o desejo de confessar — você devia ter sido meu amigo de infancia.

Leto é poesia:

Ninguém sabe a historia dos homens humildes que adormeceram para sempre.

Ninguém sabe as horas boas ou más que viveram na terra. Ninguém sabe o impossível que se sonharam.

O poeta sugere sempre. Poesia é evocação de instantes que ficaram para sempre palpitando unissonos com a nossa vida misteriosa e profunda. Poesia é sintese do encanto esparso pelo mundo. E' o fiat que provoca a submissão sublimen de um inesperado cenário interior. Creação de estados de alma. Apelo da palavra para a beleza oculta que o poeta desvelou num instante de magia interior.

Não sei de simplicidade tão luminosa como a deste poema que encerra a sugestão de todas as primaveras terrenas:

Quando fôres pela estrada anda com cuidado para não matares as formigas.

A vida é tão bonita!

S. Francisco de Assis abençoaria o orvalho que madrugou na estrada por onde o poeta caminhava sem colher as rosas das sébes. O mundo de joelhos, na manhã cheirando a incenso, comunica os fluidos de sua fração ao espirito enamorado do poeta que parece resar.

E o encanto de um Francis James tranquilizado pela crença, transparece mais adiante:

Não sei nada da vida. Canto apenas a hora que foge. Deve haver qualquer coisa de passado e de rio no meu destino.

Vamos ler em voz baixa, vamos ler dentro do crepusculo, em surdina, as nove frases de um des-

PRETEXTOS SOBRE UM LIVRO DE POEMAS

Reinaldo MOURA

Umbramento que a pena de Paulo Corrêa Lopes escreveu a margem de um missal:

Ele adormeceu na corola de uma flor. Vieram depois anjos vestidos de ouro e ele foi levado em sonho para o céu.

A viagem era-tão linda que ele dizia nos anjos — Mais de vagar. Mais devagar.

No outro dia despertou com o selo alto.

E até hoje ele não sabe como é que adormeceu na corola de uma flor.

O poeta dos "Caminhos" é um exultado, diante do milagre de todas as horas que raramente os homens sabem surpreender na luz igual de todos os dias. Mas não rebusca a expressão de sua poesia. A profunda sinceridade de sua arte, que não é de hoje nem de ontem, mas participa do vortice do que ha na vida, faz lembrar a cantilena espontanea das fontes que pôde exultar as almas ardentes mas silenciosas, sem agitar no céu os naufragios das tempestades e o verde clamor das fronteiras, mas apenas subindo como uma prece dos abismos da vida para a sensibilidade dos homens.

Um dia fecharás os olhos para a vida. E eu verei nos teus olhos luzes mortas, aguas mortas.

Olhos que viram a vida que cantaram para a vida que abismaram pela vida.

Que veemente desejo, quanta melancolia nesse de profundo, quanto arrependimento por não ter vivido com mais força, quanto em torno as coisas cantaram como passaros e a terra toda tinha a cor ardente de um sorriso que convidava!

Mais um punhado de surezes. Mais um pouco de areia doirada que deixa entrever o esplendor de uma praia na festa suspensa da luz:

Musica suave de estrela em noite quieta musica lenta de onda que morre longe do mar musica triste de asa caído sobre o mar.

A tristeza do homem inquieto por vezes sobe á tona da poesia que parece inundada de tranquilidade religiosa. E encontramos o poeta num confissionario, surpreendendo-o espantado de si mesmo, a dizer que no fundo de sua serenidade ha qualquer coisa dolorosa mas que não chega a ser uma revolta, antes é motivo para criação estetica, germe bendito para uma oração resignada.

Ele que foi só na vida ele que nunca teve nada na vida está agora estridido entre quatro círios.

Que dirão os círios tremulos a quem foi só na vida? Que dirão os círios tremulos a quem nunca teve nada na vida?

Talvés falem de um caminho longo. Talvés contem a historia das estrelas a quem nunca teve ninguém na vida.

Talvés falem de tesouros a quem nunca teve nada na vida.

Entre quatro círios ele dorme.

Sem duvida eu tenho como leitura de cabeceira os poetas modernos. E' para mim um grande deleite espiritual a simples musica da palavra, a cor do vocabulo, o puro estilo. Os modernos franceses que souberam crear uma arte bem ao gosto de uma geração complicada e sinuosa, tem em meu espirito profunda repercussão. Mas a poesia de Paulo Corrêa Lopes, nem por ser coisa nossa, nem por ter assimilado os materiais do ambiente, deixa de exercer esse encantamento vago, essa fascinação inexplicavel que irradiava das coisas veladas, sobre o nosso espirito onde já amadureceram as selvas distantes de uma poesia que foi para nós a ultima sensação de uma literatura que se antecipa.

Ele mesmo, por vezes, fugindo ás solicitações do proprio temperamento que o faz mergulhar dentro de si mesmo onde descobre novos motivos de beleza e emoções desconhecidas, dá-nos a amarra do quanto pôde o seu estro creador, realizando uma pagina onde a intenção toda pessoal revela-nos uma nova fase da arte sedutora e sugestiva do poeta:

Quatro cavalos negros corriam no meu sonho corriam sem cessar.

Nem a asa do vento podia tocar os quatro cavalos negros que corriam no meu sonho. Nem o relampago podia ferir os quatro cavalos negros que corriam no meu sonho. Nem o pensamento podia alcançar os quatro cavalos negros que corriam no meu sonho.

Quatro cavalos negros corriam no meu sonho corriam sem cessar...

Nem nos "Caminhos", nem nos "Poemas de mim mesmo", o escritor revela um grande amor pelo vocabulo. Não "faz feio de mots". Tudo nele transpira intenção profunda, resignação espiritual como motivo estético, ansia de sugerir, para além da figura imovel das aparências, o manancial luminoso e eterno donde fluem, em ondas invisíveis, o polem que fecunda os nossos extases diante da vida, e as sombras ilusorias com as quais pretendemos explicar as origens da nossa filosofia de românticos...

O poeta é ainda um exultado licor filosofico.

Sist. 31589
Rey Cli 0038